

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA MODALIDADE PARA UMA QUALIFICAÇÃO EMPREENDEDORA

RESUMO

O Brasil enfrenta inúmeras dificuldades no seu desenvolvimento relacionadas às questões sociais ligadas à fragilidade do processo educacional. O Empreendedorismo, além de cooperar para a promoção do crescimento econômico e da diminuição das desigualdades sociais, também ajuda na melhoria da qualidade de vida da população por meio do aumento da empregabilidade e de uma melhor distribuição de renda. A Educação a Distância (EaD) é uma modalidade formativa tornando-se cada vez mais um instrumento fundamental na ascensão de oportunidades para muitas pessoas. Assim sendo, acredita-se que ela demonstra ser uma modalidade de ensino que se ajusta às necessidades brasileiras, pois além de minimizar as distâncias, os isolamentos geográficos e as desigualdades sociais, pode também suprir a carência de formação educacional da população do país. O objetivo deste artigo é avaliar como o Capital Humano dos egressos qualificados pela EaD proporciona uma maior capacidade para exercer atividades empreendedoras a partir de uma pesquisa de campo realizada com alunos egressos dos cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* de uma instituição de ensino superior privada do interior do Estado de São Paulo. Os sujeitos da pesquisa foram 712 alunos egressos dos 190 cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* – Nível de Especialização da instituição de ensino na modalidade à distância, concluintes no período de 2011 até maio de 2016. Os resultados coletados permitiram concluir que a EaD contribui para que o indivíduo, após capacitado por esta modalidade, se torne um profissional participativo na criação de soluções estratégicas para os problemas e necessidades da sociedade.

Palavras-chave: Capital Humano; Empreendedorismo; Educação a Distância.

DISTANCE EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF THE MODALITY TO AN ENTREPRENEURIAL QUALIFICATION

ABSTRACT

Brazil faces numerous difficulties in its development related to social issues linked to the fragility of the educational process. Entrepreneurship, in addition to cooperating to promote economic growth and reducing social inequalities, also helps improve the quality of life of the population by increasing employability and improving income distribution. Distance Education (EAD) is a formative modality that has grown and become a fundamental instrument in the rise of opportunities for many people. Thus, it is believed that it is a teaching modality that fits the Brazilian needs because, in addition to minimizing distances, geographical isolation and social inequalities, it can also supply the lack of educational training of the country's population. The objective of this article is to evaluate how the Human Capital of graduates qualified by EaD provides a greater capacity to carry out entrepreneurial activities based on a field research carried out with students who graduated from the *Lato Sensu* Postgraduate courses of a private higher education institution in the interior of State of São Paulo. The subjects of the research were 712 students graduated from the 248 *Lato Sensu* Postgraduate Courses - Level of Specialization of the distance learning institution, graduating from 2011 to May 2016. The results obtained allowed us to conclude that the EAD helps the individual, after being trained by this modality, to become a participatory professional in the creation of strategic solutions to the problems and needs of society.

Keywords: Human Capital; Entrepreneurship; Distance Education.

Ricardo Arruda Mauro¹
Rodrigo Augusto de Freitas²
Janaina Florinda Ferri Cintrão³
Zildo Gallo⁴

¹ Doutorando em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente pela Universidade de Araraquara - UNIARA. Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade de Araraquara - UNIARA. Brasil. E-mail: ramauro@uniara.com.br

² Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - Universidade de Araraquara - UNIARA. Brasil. E-mail: rafreitas@uniara.com.br

³ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade de Araraquara - UNIARA. Brasil. E-mail: jcintrao.mestrado@uniara.com.br

⁴ Doutor em Geociências pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade de Araraquara - UNIARA. Brasil. E-mail: zildogallo@ig.com.br

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigindo profissionais bem qualificados e atualizados mas, por outro lado, existem os problemas sociais relacionados à Educação. Deste modo, a população mais carente é a mais prejudicada, pois não consegue obter a qualificação mínima para inserção neste mercado, além disso, identifica-se o aumento do desemprego e as atividades econômicas informais, como por exemplo, vendedores ambulantes, flanelinhas, coletores de materiais recicláveis, entre outras.

O Capital Humano permite melhorias no fator trabalho e aumenta os níveis de produtividade e renda das pessoas (Schultz, 1964).

Sanches (2012) afirma que o Empreendedorismo além de fortalecer o fornecimento de novos produtos e a dinamização de atividades econômicas, torna-se uma possibilidade para se combater o desemprego. Justifica-se proferindo que a própria necessidade de subsistência das pessoas, as motiva na busca de novas alternativas de obtenção de renda por meio de atividades empreendedoras.

O objetivo deste artigo é avaliar como o Capital Humano dos egressos qualificados pela EaD proporciona uma maior capacidade para exercer atividades empreendedoras a partir de uma pesquisa de campo não comparativa realizada com alunos egressos de uma instituição de ensino superior privada do interior do Estado de São Paulo. Portanto, não se trata de uma pesquisa comparativa entre egressos que realizaram cursos na modalidade a distância e egressos de outros cursos ou modalidades e sim de um estudo de caso da referida instituição de ensino. Para tanto, se faz necessária uma discussão teórica para descobrir se quanto maior for o Capital Humano acumulado por meio da Educação, maior poderá ser o diferencial de uma pessoa no âmbito social ou organizacional.

Identifica-se que a atividade empreendedora já é bem explorada na literatura por Barreto (1998), Ferreira, Reis e Pereira (2002), Chiavenato (2004), Hisrick (2004), Dornelas (2008), Dolabela (2008), Degen (2009), Gomes (2011), Sanches (2012) e Baggio (2015). Entretanto, são poucos as pesquisas que abordam especificamente a qualificação empreendedora decorrente da modalidade de Educação a Distância.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 Capital Humano e Educação a Distância

Carvalho e Souza (1999) definem o Capital Humano como sendo a capacidade, conhecimento,

habilidade, criatividade e experiências individuais dos empregados, o que se transformam em produtos e serviços que são o motivo pelo qual os clientes buscam a empresa e não os concorrentes. Wernke, Lembeck e Bronia (2003) ampliam essa definição quando referem-se que o Capital Humano é o valor acumulado de investimentos em treinamento, competência capacidade de relacionamento e valores. Geralmente, as organizações promovem treinamentos aos seus colaboradores com a finalidade de que possam trazer retorno com o aumento da produção e a minimização dos desperdícios.

A Teoria do Capital Humano na visão de Schultz (1964) associa a Educação por meio do nível de escolaridade ao crescimento econômico dos países. Esse referencial teórico defende que o investimento em Educação é o tempo que um indivíduo permuta estudando, portanto adquire, assim, um custo de oportunidade ao fazer uma opção, pois poderia estar ganhando dinheiro desempenhando uma atividade remunerada no momento em que estuda, além disso, também se considera os investimentos com materiais didáticos. Por conseguinte, os ganhos com o investimento em Educação incidem através do aumento dos níveis de conhecimentos e aperfeiçoamento das habilidades no decorrer do tempo, gerando maior produtividade para as pessoas e também uma maior remuneração no mercado de trabalho. Todas as vezes que a Educação aumentar as futuras rendas dos estudantes, tem-se um investimento. “É um investimento no Capital Humano, sob a forma de habilidade adquirida na escola” (Schultz, 1964, p. 25).

Schultz (1964), assegura que, inicialmente, um país tem que investir em Capital Humano para que, em seguida, ocorra o desenvolvimento econômico. Frigotto (2000), analisando a Teoria do Capital Humano, reafirma que o conhecimento passou a ser vital para o crescimento econômico, ressaltando ainda mais o papel da Educação no processo de desenvolvimento das nações. Essa teoria considera como investimento e agregação de valores quando uma pessoa se dedica aos estudos. Então, por meio da Educação, ocorre o processo de capacitação do Capital Humano, incidindo o aumento do conhecimento e habilidades. Essas habilidades podem ser observadas como na multiplicação do conhecimento científico e tecnológico ou na melhoria da mão-de-obra qualificada, representando uma maior produtividade no trabalho e, conseqüentemente, o aumento da renda dos indivíduos. O Capital Humano desempenha impactos nas dinâmicas territoriais, e tem potencialidades, além disso, a Educação representa uma das maneiras mais significativas deste capital ser materializado e não ser esgotado (Silva, 2008).

Moura (2006), de forma bem abrangente, define o Capital Humano como sendo conhecimentos, competências e habilidades, atitudes e comportamentos, experiências, capacidade de inovação e solução de problemas, desenvolvimento do profissionalismo, cultura de comportamento e aprendizagem, sociabilização e coletivização.

Para Zafalon (2015), o Capital Humano possui um extraordinário valor para as organizações, uma vez que é um fator que propicia vantagens competitivas, por isso, não adianta as empresas investirem muito em tecnologia se os recursos humanos não tiverem o conhecimento necessário para utilizá-la; além disso, sendo o conhecimento humano um recurso ilimitado e, dada sua importância dentro das organizações, julga-se necessário o contínuo aperfeiçoamento profissional. O autor considera que as organizações podem fazer isso por meio do desenvolvimento das habilidades, competências e criatividade de seus colaboradores.

Barros e Mendonça (1997) abordam que o investimento em Educação está relacionado com o desenvolvimento sócio econômico de um país, pois influencia em sua produtividade, empregabilidade, no acesso à renda, na diminuição da pobreza e na qualidade de vida das pessoas.

Almeida (2003) demonstra que indivíduos com maior formação escolar tendem a conseguir salários maiores, desenvolver famílias menores, ter saúde, menor envolvimento em atividades ilícitas, enfim, desfrutar de uma vida melhor.

Pedrosa (2013) aponta, que o acréscimo salarial para quem tem diploma superior sobre o salário auferido por alguém com o ensino médio é de 32,8%; sendo o dobro daquele obtido por alguém que conclui o ensino médio sobre ensino fundamental completo.

Houve um tempo no Brasil em que o indivíduo apenas com o segundo grau completo chegava com facilidade a um nível gerencial de uma multinacional; depois, tornou-se necessário o terceiro grau; atualmente, a exigência é para titulados em nível de especialização, mestrado ou até doutorado (Inácio, 2015).

Discutida a importância de se investir no Capital Humano, visualiza-se, por meio do processo educativo, uma alternativa de multiplicar o conhecimento e viabilizar o desenvolvimento, seja pessoal, organizacional, de uma nação ou de um território específico. Assim sendo, acredita-se que a Educação a Distância (EaD) vai ao encontro dessa conjectura, uma vez que, demonstra ser uma modalidade de ensino que se ajusta as necessidades brasileiras.

Considera-se duas modalidades de Educação, a presencial e a distância. A modalidade presencial, já amplamente pesquisada, é a usualmente empregada nos cursos regulares através do chamado ensino convencional. Na modalidade à

distância, alunos e professores estão separados fisicamente no tempo e/ou no espaço. Esta modalidade de Educação é realizada por meio do uso de tecnologias de informação e comunicação, com ou sem a existência de momentos presenciais (Moran, 2015). De acordo com Souza e Nunes (2000) a Educação a Distância (EaD) é um caminho para o aumento do acesso à Educação, como também se oferece como uma nova opção de melhoria da qualidade no ensino.

De acordo com dados do IBGE (2010), o Brasil possui 190.732.694 de pessoas distribuídos em cerca de 8.516.000 km² de extensão territorial e 5565 municípios. Primo (2014) garante que como a maior parte desses municípios não possuem acesso à Educação superior, a EaD surge nesse cenário como alternativa para preencher essa carência na formação. Niskier (2000, p.16) relata que “A Educação a Distância é um dos únicos mecanismos do qual o país pode lançar mão para diminuir as diferenças sociais e dar dignidade a seu povo”.

O alcance da EaD pode ser confirmado por Struchiner e Gianella (2005) quando dizem que esta modalidade de ensino tem sido disponibilizada para os diversos níveis educacionais, desde a Educação de adultos, na Educação profissional de nível técnico, em treinamentos, na graduação e pós-graduação. A EaD pode ser considerada a mais democrática das modalidades de Educação, pois se empregando de tecnologias de informação e comunicação, obtém barreiras à conquista do conhecimento, principalmente por esta se formar como uma ferramenta capaz de acolher um grande número de pessoas concomitantemente e que estão distantes das regiões onde são ministrados os ensinamentos e/ou que não podem estudar em horários pré-estabelecidos (Alves, 2011).

Luckesi (2001) analisa a EaD como um importante instrumento capaz de incentivar o compartilhamento e dispersão do conhecimento e das informações com a utilização desta tecnologia. Dentre os diferenciais da EaD, pode-se destacar, por exemplo, além da flexibilidade de horários dos estudos, a possibilidade de se chegar até regiões distantes e de difícil acesso. Para Landim (1997), a EaD é uma modalidade de ensino que minimiza as distâncias, como também os isolamentos geográficos, psicológicos e culturais. Para Nicolaio e Miguel (2010), a EaD objetiva oferecer a Educação de qualidade às regiões distantes e permite que as todas as camadas sociais tenham acesso à Educação. Afirmam que ela é apropriada para ao aluno que tem pouca disposição e horários fixos e não consegue ausentar-se de seu local de trabalho, possibilitando a minimização de custos com locomoção e transporte. Contudo, consideram que é uma modalidade de Educação (EaD) respeitável, eficiente e adequada tanto quanto a modalidade presencial.

Segundo Alves (2011) a modalidade de EaD está rompendo barreiras, criando um espaço próprio e complementando a modalidade da Educação presencial. Afirma ainda que proporciona conveniências que, por meio do modelo presencial, seria difícil ou impossível de alcançar, pois possui uma extensa abrangência e imponente magnitude não somente no nosso país, mas em todo o mundo.

Existem autores como Freitas (2005) que analisam o papel social da EaD quando afirmam a referida modalidade de ensino minimiza o elitismo educacional existente em muitos países e corrigem algumas aberturas no sistema tradicional de ensino. Destaca ainda que o avanço tecnológico possibilita o aumento das perspectivas de acesso à Educação (EaD), uma vez que, introduz recursos de informação e comunicação que potencializam a propagação deste tipo de ensino.

Freitas (2017) garante ainda que a EaD contribui para o desenvolvimento profissional, possibilitando melhorias em relação à sua qualidade de vida, acesso à educação e formação profissional.

Acredita-se que, através da Educação, pode-se aumentar a habilidade empreendedora dos indivíduos, pois, segundo Dornelas (2001), o processo empreendedor pode ser ensinado e aprendido. Em relação a idade para que esse ensinamento ocorra, Dolabela (2003), aponta que a Educação empreendedora deve-se ter início o quanto antes, pois influencia na cultura, podendo induzir ou de inibir a capacidade de empreender. Mamede (2005) observa ainda que, o potencial em um indivíduo, para o desenvolvimento ou fortalecimento de uma cultura empreendedora, surge a partir da utilização de um sistema educacional estabelecido.

Iniciativas voltadas à Educação empreendedora favorecem o aumento de atividades inovadoras, além de contribuir para o crescimento econômico, ambos almejáveis em qualquer conjuntura. Neste sentido, muitos municípios estão promovendo ações empreendedoras e inovadoras, alavancando o desenvolvimento, como por exemplo: incubadoras de empresas, parques tecnológicos, cooperativas, espaços empresariais, arranjos produtivos locais, parques agroindustriais, polos de desenvolvimento e escolas de empreendedores (Anprotec, 2004).

2.2 Evolução da Educação a Distância

A EaD é uma modalidade de ensino e aprendizagem que se consolidou no mundo todo como opção pedagógica por volta do ano de 1970. No ensino superior, o desenvolvimento da EaD vem ocorrendo nas cinco últimas décadas, porém ressalta-se que a partir dos anos de 1990 diversos projetos foram inserindo a modalidade como uma ferramenta geradora da democratização do ensino superior.

Figueiredo e Rosini (2017) analisam os dados do Censo do Ensino Superior de 2014. Os autores afirmam que há perspicuidade no aumento da quantidade de estudantes na EaD e o crescimento dessa modalidade nos últimos anos foi exponencial. Por exemplo, os cursos superiores ofertados a distância, no período de 2003 a 2014, tiveram um aumento de 2.588,5%. Segundo Moran (2014) a EaD cresce a uma média de 20% ao ano, o que demonstra que há uma consolidação desta categoria de ensino.

A EaD é uma modalidade formativa ainda em crescimento e um instrumento fundamental na ascensão de oportunidades para muitas pessoas no mundo todo. De acordo com Freitas (2005), este tipo de ensino torna-se mais relevante à proporção que novas camadas da população, provocada pelas rápidas mudanças e transformações em todos os campos do saber, buscam por novos conhecimentos ou atualização profissional. A autora esclarece ainda que, segundo pesquisas, a EaD é utilizada desde 1728 nos Estados Unidos e desde 1840 na Inglaterra e que, durante este período, sofreu preconceito por muitos acadêmicos, pois era visto com um ensino de baixa qualidade. Ressalta por fim, que somente ganhou respeitabilidade após a implantação bem-sucedida na Universidade Aberta da Inglaterra no final do século XX e que, atualmente, é prestigiada por diversas organizações nacionais e internacionais.

Segundo Martins (2007), a evolução da EaD pode ser dividida em quatro fases. A primeira fase da EaD demarcou-se pelo ensino via correspondência. O professor ou a instituição de ensino remetia o material impresso pelo correio e a tutoria era realizada, na maioria das vezes, também por correspondência, pela devolutiva de exercícios corrigidos que anteriormente foram realizados pelo aluno. Contudo, o papel do estudante no processo de aprendizagem, era constituído por meio de um intercâmbio pouco dialógico com a tutor, caracterizando este modelo de EaD como auto instrutivo.

A segunda fase ocorreu com a utilização de tecnologias audiovisuais como o rádio e a televisão. O enfoque era mantido na produção e transmissão dos materiais institucionais, com a reprodução das aulas tradicionais, mas com apresentação dos materiais. Algumas vezes o aluno também recebia um material impresso como apoio as atividades. Já os exercícios eram corrigidos e encaminhado pelo correio. Esse modelo é visto também pouco interativo (Martins, 2007).

A terceira fase da EaD foi ao encontro da Educação telemática, ou seja, insere-se também o uso da informática, interligando os recursos de telecomunicações com outros meios educativos. Identifica-se, neste momento, uma maior interatividade entre alunos e professores com maior agilidade no acesso aso materiais e as respostas com

a utilização do telefone e do fax em tempo real da realização das aulas (Martins, 2007).

Somente a partir dos anos 90 até os dias atuais, vivenciou-se a quarta fase, marcada pela virtualização dos institutos de ensino, ou seja, a criação de ambientes virtuais de aprendizagem e a interação ocorre, na maioria das vezes por computadores conectados à internet no modelo Web. Este ambiente permite interações individuais ou coletivas entre a comunidade acadêmica (professores e alunos) e caracteriza-se pela flexibilidade de estudos em diversos horários, não necessariamente em momentos pré-definidos (Martins, 2007).

Vale ressaltar que no presente, o cenário da EaD, se caracteriza pelos tipos apresentados nas quatro fases da EaD, ou seja, apesar de terem sido iniciadas em períodos diferentes, ainda são praticadas na sua configuração original, atendendo públicos e níveis educacionais diversos (Martins, 2007).

2.3 Empreendedorismo

Gomes (2011) anota que, assim como a pequena empresa, o Empreendedorismo cumpre um papel formidável para o desenvolvimento de uma comunidade. Aponta que nos últimos anos a economia redescobriu a pequena empresa e, conseqüentemente, ocorreu a propagação do Empreendedorismo nos sistemas locais.

A expressão “empreendedor” teve sua origem na língua portuguesa somente no século XVI. Já a expressão “Empreendedorismo” foi originada da tradução da expressão *entrepreneurship* da língua inglesa que, é composta da palavra francesa *entrepreneur* e do sufixo inglês *ship*. O sufixo *ship* indica posição, grau, relação, estado ou qualidade, e *friendship* significa amizade ou qualidade de ter amigos. O sufixo pode ainda constituir uma habilidade ou perícia ou, ainda, uma convenção de todos esses significados como em *IEaDership* (liderança=perícia ou habilidade de liderar) (Barreto, 1998).

O termo Empreendedorismo foi popularizado pelo economista Joseph Schumpeter em 1945, como sendo uma pessoa criativa e capaz de bem-sucedida com inovações. Conforme Dornelas (2008, p. 22), "Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso". Já para Dolabela (2008, p. 24), trata-se de "[...] um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar".

Ferreira, Reis e Pereira (2002) conceituam o Empreendedorismo como a disposição de formar negócios que geram empregos; de satisfazer alguma

necessidade com a exploração de oportunidades e de manter a inovação sistemática no negócio, diferenciando-o e mantendo-o competitivo. Neste contexto, Guerra e Grazziotin (2010) abordam o Empreendedorismo como forma de harmonizar alternativas para uma maior quantidade de pessoas serem inseridas no mercado de trabalho, por meio de pequenas e médias empresas que geram novos empregos e que contribuem para a elevação da arrecadação de tributos.

Os economistas entendem que o empreendedor é fundamental no processo de desenvolvimento econômico, e em seus modelos estão considerando os sistemas de valores da sociedade, extremamente importantes para os comportamentos individuais dos seus integrantes, ou seja, afirmam que não haverá desenvolvimento econômico sem a existência de líderes empreendedores (Baggio, 2015).

Os defensores do Empreendedorismo alegam que ele é muito importante para a geração de riquezas dentro de uma nação, pois contribui para a diminuição das desigualdades sociais e promove o crescimento econômico. Contudo, ocorre a melhoria da qualidade de vida da população através do aumento da empregabilidade e melhor distribuição de renda (Dornelas, 2008; Dolabela, 1999; Chiavenato, 2004).

O papel do Empreendedorismo no desenvolvimento econômico não está relacionado simplesmente ao aumento da produção e renda per capita pois proporciona mudanças na estrutura do negócio e da sociedade (Hisrich, 2004).

O empreendedor é uma pessoa que faz as coisas incidirem, pois possui sensibilidade para os negócios, astúcia financeira e capacidade para identificação das oportunidades, portando, o empreendedor transforma ideias em realidade, e ideias simples e mal organizadas em algo sólido e bem-sucedido (Chiavenato, 2005).

Na opinião de Schumpeter (1991), o empreendedor é o agente de mudança, ou seja, aquele que extingue a ordem econômica existente por meio da criação de novos produtos e serviços, através da iniciação de novos formatos de organização e também da exploração de novas soluções.

Segundo Chiavenato (2004), o Empreendedorismo está se desenvolvendo cada vez mais nos últimos anos e, principalmente no Brasil, a partir da década de 1990. Este crescimento é decorrente da preocupação com a criação de pequenas empresas dotadas de atributos competitivos e a necessidade de diminuição das taxas de mortalidade desse tipo de negócio.

Vale destacar que, de acordo com Degen (2009), um dos fatores fundamentais das atividades empreendedoras é a inovação. O autor assinala que quando se pratica a inovação, explora-se novas

ideias ou as ideias de outros são reavaliadas de forma única e/ou original, e, com isso, acontece o resultado almejado pelo seu idealizador.

Alguns autores como Drucker (1985) e Gonçalves (2000), identificam a inovação como motor de desenvolvimento do Empreendedorismo. Eles afirmam que ela surge normalmente quando se ocorre fatos não esperados, como por exemplo: necessidades do processo, mudanças no mercado, alterações em dados demográficos, percepção e novos conhecimentos.

Sarkar (2008) faz uma relação direta entre a inovação e o termo Empreendedorismo ao afirmar que a inovação promete abrir todas as portas e novos mercados, o que possibilita uma maior eficiência nas empresas e conseqüentemente, o crescimento econômico. O mesmo autor, vai além ao aproximar a inovação do conhecimento. Afirma que, o conhecimento, bem como a capacidade para criá-lo, de lhe aderir e de usá-lo com eficiência, é uma ferramenta essencial para a inovação e enfatiza que, em uma visão mais geral, o conhecimento é uma das peças chaves do desenvolvimento econômico e social, e ainda que, a inovação sustenta a economia do conhecimento.

Dada a importância da qualificação do Capital Humano e a necessidade do estímulo de ações empreendedoras dentro de um processo de desenvolvimento, almejou-se neste artigo, a exploração do potencial da EaD como elemento propulsor de uma qualificação empreendedora.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso. Segundo Yin (2015), o estudo de caso simula uma averiguação empírica e envolve um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados e pode conter tanto estudo de caso único quanto de múltiplos, assim como enfoques quantitativos e qualitativos de pesquisa. Este estudo foi realizado na Universidade de Araraquara – Uniara, instituição de ensino superior localizada na região central do Estado de São Paulo, caracterizada como uma universidade privada, sem fins lucrativos, dedicado ao ensino, à pesquisa e à extensão que teve sua origem pedagógica em um colégio fundado em 1943. Em 1968 iniciou suas atividades no ensino superior como faculdade e com a criação dos cursos de Administração e Economia. A partir de 1997, com a transformação em Centro Universitário, a instituição vivenciou um processo de desenvolvimento contínuo com a concepção de diversos outros cursos superiores (Mauro, 2011).

Em 2016, com a materialização dos seus programas de pesquisa a instituição tornou-se Universidade. Atualmente, possui cerca de 12.000

alunos distribuídos em 32 cursos de extensão universitária, 37 cursos de graduação, 248 cursos de pós-graduação Lato Sensu e 7 cursos de pós-graduação Stricto Sensu, sendo 2 programas de Doutorados e 5 programas de Mestrados. A instituição realiza suas atividades presenciais em uma área construída de aproximadamente 31.000 m² distribuídos em 8 unidades centralizadas em um único município. Possui também o IBIOTEC (Instituto de Biotecnologia) – que é uma área rural com cerca de 16 alqueires onde funciona um centro de estudos interdisciplinares com programas de ensino, pesquisa, desenvolvimento tecnológico, extensão e serviços. Há outra área com cerca de 10 alqueires onde está projetado para a construção do futuro campus universitário. Além disso, a instituição mantém um Parque Ecológico do Basalto, área com 65.000 m² para fins de ecoturismo e lazer.

Os alunos matriculados em cursos de extensão, graduação e pós-graduação, tanto na modalidade presencial como a distância, residem em diversas localidades do Brasil, sendo que, na sua maioria, em um raio de 150 quilômetros.

Em 2010, iniciaram as atividades nesta modalidade de ensino (EaD) com o curso de pós-graduação *lato sensu* em Direito Ambiental, logo após o credenciamento da instituição junto ao Ministério da Educação para oferta de cursos a distância.

Após cerca de 7 anos desenvolvendo esta modalidade formativa, a EaD se consolidou na instituição por meio de 270 cursos de pós-graduação e 1 curso de graduação (Pedagogia) recém-criado.

O modelo de EaD nos cursos de pós-graduação da instituição baseiam-se na *Web*, ou seja, a orientação é feita a distância pela internet onde os alunos se reportam ao professor-tutor e realizam atividades e avaliações virtuais. No final do curso há encontros presenciais obrigatórios, por exigência da legislação, para realização de atividades avaliativas e defesa do trabalho de conclusão do curso. Segundo Moran (2009) este modelo possibilita que os ensinamentos aconteçam predominantemente pela internet e os encontros presenciais são mais espaçados porque não existem os polos para apoio semanal.

Os sujeitos da pesquisa foram todos alunos egressos dos cursos de pós-graduação Lato Sensu na modalidade a distância que concluíram o curso nos últimos cinco anos, ou seja, de 2011 até março de 2016. Tratou-se de 2770 alunos egressos de 190 cursos contidos em 19 áreas distintas residentes nas diversas regiões geográficas do Brasil e até no exterior conforme apresentado a seguir.

O questionário foi aplicado a 2770 sujeitos, pois nessa ocasião teve-se a expectativa de obter o máximo de retorno dos dados coletados, sendo que 712 (26%) responderam. Por se tratar de alunos egressos de cursos cujas características são pautadas

no “modelo web”, as entrevistas foram realizadas com auxílio de recursos tecnológicos por meio de formulários eletrônicos, e-mails e aplicativos via internet. Além de delinear o perfil dos sujeitos, as questões, articuladas a partir da discussão teórica sobre o Capital Humano, EaD e o Empreendedorismo abordaram, por meio de características de um perfil empreendedor, a avaliação dos alunos que concluíram os cursos de pós-graduação na modalidade à distância, a respeito do aumento de sua capacidade empreendedora.

Por meio da aplicação do questionário procurou-se, inicialmente, analisar quantitativamente o perfil dos alunos egressos, tais como gênero, idade, localização, portadores de necessidades especiais, área de formação, dentre outros, com a intenção de ajudar na interpretação das respostas e para caracterizar o perfil dos alunos egressos envolvidos. Em relação aos temas como EaD, Capital Humano e Empreendedorismo a análise foi qualitativa e baseou-se em questões abertas e fechadas que foram aplicadas e direcionadas a 2770 alunos egressos dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu da instituição, executadas virtualmente por meio do *Google Docs* com a utilização dos dados disponibilizados pela instituição de ensino.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os 2770 alunos egressos contatados, 712 responderam ao questionário, o que corresponde 26% do total de alunos egressos do período analisado. Verificou-se que 399 (56%) são do sexo feminino e 313 (44%) são do sexo masculino. Estes números demonstram uma diferença pouco significativa pois conforme Censo Demográfico realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de mulheres no Brasil, no que se refere à quantidade, ultrapassava em 3,941 milhões, equivalente a 2% ao número de homens.

Em relação ao gênero, pode-se constatar que 421 (59%) alunos egressos possuem idade de 31 a 40 anos seguido dos que possuem idade de 20 a 30 anos que correspondem a 123 (17%) alunos egressos e minoria de 4 (1%) alunos egressos possuem idade com mais de 60 anos.

Dentre os alunos egressos que responderam o questionário, 6 (1%) relataram que residem no exterior e 706 (99%) que residem no Brasil. Constatou-se que a maioria dos alunos egressos que residem no Brasil estão localizados no Estado de São Paulo (SP) com 404 (56,74%) alunos egressos, seguido pelo Estado de Minas Gerais (MG) com 67 (9,41%) alunos egressos e Paraná com 28 (3,93%) alunos egressos. Os estados que apresentaram menor

número de alunos egressos foram Amapá, Piauí e Rio Grande do Norte com 1(0,14%) aluno cada.

Na análise da questão sobre a existência de alguma necessidade especial, foi apurado que 700 (98%) alunos egressos relataram não possuir alguma deficiência, sendo 12 (2%) o número de alunos egressos que apresentaram alguma deficiência relacionada a coordenação motora, locomoção, membros amputados, auditiva e visual.

Na análise relacionada com a questão voltada para saber quantos alunos egressos estão trabalhando, 647 (91%) alunos egressos relataram que atualmente estão trabalhando e 65 (9%) alunos egressos que não exercem atividade profissional.

O questionário permitiu a realização de uma análise sobre os relatos dos alunos egressos ligados aos fatores que contribuíram para a satisfação e escolha de um curso de Pós-Graduação na modalidade a distância. Desta forma, foi possível identificar que 627 (88%) alunos egressos estavam satisfeitos com essa modalidade de ensino, seguido por 85 (12%) alunos egressos que não identificaram alguma contribuição.

Outro fator mensurado pelos alunos egressos, e importante salientar, é que 100% deles relataram que o conhecimento adquirido no decorrer do curso foi muito benéfico e que com a experiência adquirida por meio de técnicas e métodos estudados, sentem-se seguros para atuarem no mercado de trabalho. Relataram que a flexibilidade, locomoção e o baixo custo são as maiores vantagens de se fazer um curso na modalidade a distância. Os principais apontamentos que contribuíram para tomada de decisão na escolha e para a satisfação da realização de um curso EaD foram: flexibilidade, pois é possível a escolha de horários para realização dos estudos; questões financeiras, pois em geral os cursos possuem valores mais acessíveis comparando com os presenciais, bem como o acesso ao ensino para aqueles que residem em locais onde não se encontram instituições que ofertem o curso na modalidade presencial.

No que tange ainda ao perfil desses alunos egressos, pode-se constatar que predominou o gênero feminino e a presença de trabalhadores na faixa de idade 31 a 40 anos, que estavam na condição de empregados de empresas locais, que em sua grande maioria, eram empresas familiares, do setor de comércio e serviços.

Para Baggio (2015), o Empreendedorismo pode ser interpretado como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Incide no prazer de conseguir com sinergismo e inovação qualquer projeto pessoal ou organizacional, em repto constante às oportunidades e riscos. É admitir um comportamento proativo diante de temas que necessitam ser determinados. Para o mesmo autor, o Empreendedorismo é o despertar da pessoa para o aproveitamento absoluto de suas potencialidades

racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em um processo de aprendizado contínuo, em caráter de abertura para novos conhecimentos e novos modelos.

Para poder mensurar se o Capital Humano qualificado pela EaD possui uma maior capacidade para exercer atividades empreendedoras após a conclusão do curso de Pós-Graduação à distância e verificar como os alunos egressos avaliavam o seu desempenho em relação às características que compõe o perfil de um indivíduo empreendedor, utilizou-se o referencial teórico de Baggio (2015), detalhado no parágrafo anterior. Os dez atributos considerados nesta aferição mediam uma possível alteração na disposição para: inovar, criar, relacionar, oportunizar, motivar, cooperar, ser proativo, aprendizado contínuo, assumir responsabilidades e correr riscos e, por fim, aproveitar as potencialidades. As alternativas presentes nesta avaliação eram: aumentou muito, aumentou, não se alterou, diminui e diminuiu muito.

Em relação ao tema inovação, 164 (23%) dos alunos egressos responderam que aumentou muito, 401 (56%) que aumentou, 147 (21%) não se alterou e nenhuma resposta nas opções diminuiu ou diminuiu muito. Sanches (2012) afirma que a inovação e criação de novos produtos é fortalecido pelo Empreendedorismo. Dagen (2009) destaca a inovação como fundamental no perfil empreendedor.

A próxima característica aferida foi a capacidade de criação. Das 712 respostas, 140 (20%) disseram que aumentou muito, 412 (58%) que aumentou, 160 (22%) não se alterou e novamente ninguém respondeu que diminuiu ou diminuiu muito. Quando relacionado ao termo Empreendedorismo, Schumpeter (1945) pondera como uma pessoa criativa e bem sucedida para questões voltadas a inovação.

No que tange a disposição de se relacionar dentro de um perfil empreendedor conforme caracteriza Dolabela (2008), 148 (21%) dos alunos egressos mostraram que aumentou muito, 299 (42%) que aumentou, 264 (37%) não se alterou, apenas 1 (menos de 1%) aluno que diminuiu e nenhum que diminuiu muito.

Aproveitar ou gerar oportunidades foi o próximo item do perfil empreendedor assinalado por Ferreira, Reis e Pereira (2002) e Chiavenato (2005), investigado, sendo que 131 (18%) dos alunos egressos evidenciaram que aumentou muito, 371 (52%) que aumentou, 207 (29%) que não se alterou, 3 (menos que 1%) que diminuiu e nenhum aluno que diminuiu muito.

Em seguida observou-se a aptidão de motivação no perfil empreendedor destacado por Sanches (2012). Em um total de 186 (26%) alunos egressos revelaram que aumentou muito, 386 (54%) que aumentou, 137 (19%) que não se alterou, 2 e 1

(menos de 1%) que diminuiu e diminuiu muito respectivamente.

Sobre a mestria de cooperar, verificou-se que 153 (21%) dos alunos egressos expressaram que aumentou muito, 367 (52%) que aumentou, 192 (27%) não se alterou e nenhum aluno que diminuiu ou diminuiu muito.

Em relação a proatividade, 186 (25%) alunos egressos replicaram que aumentou muito, 350 (50%) que aumentou, 177 (25%) que não se alterou e nenhuma resposta que diminui ou diminuiu muito esse seu desempenho.

Em se tratando do aprendizado contínuo, 254 (36%) alunos egressos demonstraram que aumentou muito, 383 (54%) que aumentou, 75 (11%) que não se alterou e ninguém ponderou que diminuiu ou diminuiu muito.

A técnica para assumir responsabilidades e correr riscos foi o penúltimo atributo a ser analisado. Identificou-se que 204 (29%) retorquiram que aumentou muito, 324 (46%) que aumentou, 184 (26%) que teve alteração e nenhum retorno que diminuiu ou diminuiu muito.

Em relação ao conhecimento para aproveitar as potencialidades, 228 (32%) alunos egressos reportaram ter aumentado muito seu desempenho, 355 (50%) que aumentou, 129 (18%) que não se alterou e nenhum que diminuiu ou diminuiu muito.

Para facilitar o entendimento dos resultados e alinhado ao objetivo da pesquisa, a apresentação dos dados pode ser demonstrada também de forma resumida, ou seja, ponderando apenas o aumento das capacidades empreendedoras analisadas. São elas: Inovação 562 (79%), criatividade 555 (78%), relacionamento 449 (63%), oportunidades 506 (71%), motivação 570 (80%), cooperação 520 (73%), proatividade 534 (75%), aprendizado contínuo 591 (83%), assumir responsabilidade e correr riscos 527 (74%) e aproveitar as potencialidades 854 (82%).

Considerando ainda, todas as qualificações do perfil do empreendedor relatadas anteriormente, analisou-se que 360 (51%) dos alunos demonstraram a sua ampliação após a conclusão do curso. Contudo, conclui-se que, para estes estudantes, ocorreu o aumento de sua capacidade empreendedora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi discutir como o Capital Humano qualificado pela EaD possui uma maior capacidade para exercer atividades empreendedoras a partir de uma pesquisa de campo realizada com alunos egressos da Universidade de Araraquara – Uniara. Pode-se observar uma significativa contribuição da Educação a Distância para o Empreendedorismo. Por meio do

aperfeiçoamento dos conhecimentos e habilidades dos envolvidos e, somente pelos recursos tecnológicos característicos da EaD, foi possível alcançar indivíduos residentes em diferentes localidades do Brasil, mesmo aquelas regiões na qual os moradores têm maior dificuldade ao acesso à Educação.

Ao traçar o perfil dos sujeitos, identificou-se a existência de trabalhadores que se apresentavam na condição de empregados de empresas locais, que em sua grande maioria, eram empresas familiares e do setor de comércio e serviços.

Na percepção dos alunos egressos em relação à sua atuação de desempenho ou na melhoria dos procedimentos, métodos e técnicas nas entidades que prestam serviço, na sociedade ou no seu próprio empreendimento, destacou-se o registro de alunos egressos que se tornaram empresários, bem como os que trabalhavam na condição de empregados e conseguiram obter sucesso em suas funções, influenciados por um conjunto de contribuições advindas do curso. Também foi possível constatar que a EaD contribuiu para enfrentar os déficits educativos causados pelo fato de haver um segmento social que tem dificuldade no acesso ao ensino superior.

Os resultados coletados permitiram afirmar que a EaD contribuiu para o desenvolvimento do Empreendedorismo tendo em vista que 363 (51%) alunos egressos que concluíram o curso de pós-graduação nesta modalidade relataram o aumento de todas as aptidões empreendedoras selecionadas para a aplicação nesta pesquisa.

Assim, mesmo com a demonstração de resultados positivos relacionando o Capital Humano, a EaD e o Empreendedorismo recomenda-se a realização de outras pesquisas voltadas ao tema abordado, tendo em vista que persevera grande o desafio para as instituições de ensino, as empresas, e toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. B. (2003). Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 29, n. 2. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-v00010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25.fev.2015.
- Alves, L. (2011). Educação a distância: Conceitos e história no Brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, v.10, p. 83-92.
- ANPROTEC (2004). *Agendas das cidades empreendedoras e inovadoras*. Disponível em

<http://www.anprotec.org.br/publicacao.php?id_publicacao=526>. Acesso em: 20. out. 2015.

- Baggio, A. F. & Baggio, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan. 2015. ISSN 2359-3539. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/articulo/view/612>>. Acesso em: 06 dez. 2017.
- Barreto, L. P. (1998). *Educação para o Empreendedorismo*. Salvador: Escola de Administração de Empresa da Universidade Católica de Salvador.
- Barros, R. P. & Mendonça, R. (1997). *Investimento em Educação e Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Carvalho, A. C. M. & Souza, L. P. (1999). Ativos intangíveis ou capital intelectual: discussões da contradição na literatura e proposta para sua avaliação. *Prespect. Cienc. Inf.*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.73-83.jan./jun.
- Chiavenato, I. (2004). *Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo: Saraiva.
- Degen, R. J. (2009). *O empreendedor: empreender como opção de carreira*. São Paulo. Pearson Prentice-Hall do Brasil.
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do empreendedor*. 6. ed. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dolabela, F. (2003). *Pedagogia empreendedora: O ensino do Empreendedorismo na Educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dolabela, F. (2008). *O segredo de Luísa*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dornelas, J. C. A. (2001). *Em Negócio, Empreendedorismo Transformando Ideias*. Rio de Janeiro: Campus.
- Dornelas, J. C. A. (2008). *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Drucker, P. F. (1987). *Inovação e Espírito Empreendedor: Práticas e Princípios*. São Paulo: Pioneiro.
- Ferreira, A. A. & Reis, A.C. F. & Pereira, M. I. (2002). *Gestão Empresarial: De Taylor aos*

- nossos dias. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig.
- Figueiredo, M. & Rosini, A. (2017). *A Educação a distância. Desafios para a qualidade*. Disponível em <http://www.abed.org.br/arquivos/Educacao_a_distancia_desafios_para_a_qualidade.pdf>. Acesso em 20. mai. 2017.
- Freitas, K. S. (2005). Um panorama geral sobre a história do ensino a distância. In: Araújo, B. (org) (2005). *Educação a distância no contexto brasileiro: Algumas experiências da UFBA*. PROGED: Universidade Federal da Bahia.
- Freitas, R.A. (2017). *A Contribuição da Educação a Distância para a Formação Profissional*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) – Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara, São Paulo.
- Frigotto, G. (2000). *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez.
- Gomes, A. F. (2011). O Empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. *REA-Revista Eletrônica de Administração*, v. 4, n. 2. Disponível em: <<http://periodicos.unifacel.com.br/index.php/%20Orea/article/view/192>>. Acesso em 10. nov. 2016.
- Gonçalves, M. A. (2000). *Empreendedorismo em Portugal: Tipificação das Empresas e perfil Empreendedores*. Dissertação (Mestrado em Economia Financeira). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Guerra, M. J. & Grazziotin, Z. J. (2010). Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.) (2010). *Educação empreendedora: Conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Hisrich, R. D. & Peter, M. P. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- IBGE. (2010). *Censo Demográfico - 2010*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20. out. 2015.
- Inácio, S. R. L. (2015). *Capital Intelectual: uma vantagem Competitiva*. Disponível em: <<http://www.empresanet.com.br/artigos/artigos/capital-intelectual-uma-vantagem-competitiva.htm>>. Acesso em 3. ago. 2015.
- Landim, C. M. F. (1997). *Educação a distância: Algumas considerações*. Rio de Janeiro.
- Luckesi, C. C. (2001). Democratização da Educação: Ensino a distância como alternativa. In: LOBO NETO, F. J. S. (org.) (2001). *Educação a distância: Referências e trajetórias*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT.
- Mamede, R. R. (2005). *Educação em Empreendedorismo como fator de desenvolvimento econômico: uma proposta para o município de Campo Grande-MS*. In: Conferência de Investigación em Entrepreneurship em Latino América. Santiago de Cali. Anais. Colômbia. Disponível em: <http://www.oei.es/historico/etp/educacao_emp_reendedorismo_fator_desemvolvimento_economico.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- Martins, H. G. (2007). O processo de ensino-aprendizagem mediado pelos recursos da EaD nas universidades corporativas. In: RICARDO, E. J. (Org.) (2007). *Gestão da Educação Corporativa*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Mauro, R.A. (2011). *Projeto e Desenvolvimento de Cursos a Distância: Uma Reflexão Teórico-Prática*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, Araraquara, São Paulo.
- Moran, J. M. (2009). Aperfeiçoando os modelos de EaD existentes na formação de professores. *Educação*, v. 32, n. 3, p. 286-290. Porto Alegre, set.-dez.
- Moran, J. M. (2014). *Educação a Distância no Brasil- situação e perspectivas*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2014/01/EaD_perspectivas.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015..
- Moran, J. M. (2015). *O que é Educação a distância*. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- Moura, A. H. (2017). *Os ativos intangíveis e o capital intelectual*. Disponível em: <<http://www.eventos.bvsalud.org/gc1bireme/docs/pt/AtivosIntang.pdf>>. Acesso em 11. jun. 2017.

- Nicolaio, K. & Miguel, L. A. (2010). Democratização do ensino por meio da Educação a distância. *Revista Intersaberes*, v.5, n. 9, p. 68-91, jan/jun.
- Niskier, A. (2000). *Educação a Distância: A tecnologia da esperança*. SP. Loyola.
- Pedrosa, R. H. L. (2013). A universidade e a inclusão social. São Paulo: *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. v. 16, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S1415-47142013000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25. fev. 2015.
- Sanches, D. M. (2012). *Empreendedorismo e Desenvolvimento Local: Um estudo de caso entre os Jovens do Concelho de S. Miguel*. Monografia. (Licenciatura em Ciências Empresariais e Organizacionais: Contabilidade). Universidade de Cabo Verde. Praia, Cabo Verde.
- Sarkar, S. (2008). *O empreendedor inovador: Faça diferente e conquiste seu espaço no mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Schultz, T. (1964). *O Valor Econômico da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Schumpeter, J. A. (1991). *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultura.
- Silva, S. S. B. (2008). *Capital Humano e capital social: Construir capacidades para o desenvolvimento dos territórios*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Souza, M. F. G.; Nunes, I. B. (2000). *Fundamentos da Educação a distância*. Brasília: SESI.
- Struchiner, M, & Gianella, T. (2005) Educação a distância. In: Struchiner M, Gianella T. (orgs) (2005). *Aprendizagem e prática docente na área da saúde: Conceitos, paradigmas e inovações*. Washington: OPAS.
- Wernke, R. & Lembeck, M & Borna, A. C. (2003). As Considerações e comentário acerca do capital intelectual. *Revista da FAE*. Curitiba, v. 6, n. 1, p. 15-26, jan./abr.
- Yin, R. Estudo de caso: Planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.
- Zafalon, A & Duarte, M. & Rodrigues, A. (2006). *A importância do capital humano nas empresas*. (orgs) (2006). Monografia (Pós-Graduação em Gestão de Pessoas) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná.